

PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL ÍNDIO PIRAGIBE

**Marina Rodrigues Mendes¹; Rayssa Rafaella Leite Batista²; Vanessa Madruga de Carvalho³;
Joseval dos Reis Miranda⁴**

¹ Discente do curso de Pedagogia, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto Pedagogia/Alfabetização, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil, avmarinarodrigues@gmail.com

² Discente do curso de Pedagogia/Alfabetização, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto Pedagogia/Alfabetização, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil, rayssalbatista@gmail.com

³ Discente do curso de Pedagogia, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto Pedagogia/Alfabetização, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil, madrugavanessa@gmail.com

⁴ Doutor em Educação, Professor orientador, coordenador PIBID/Pedagogia/Alfabetização, Campus I, josevalmiranda@yahoo.com.br

Introdução

A questão da alfabetização e do letramento é tema recorrente em nosso país, dada a realidade das altas taxas de analfabetismo funcional — 29% entre brasileiros de 15 a 64 anos (INAF, 2025) —, apesar do aumento das taxas de escolarização — 56% das pessoas com 25 anos ou mais concluíram o Ensino Médio (PNAD, 2024). Produções como as de Alexandroff (2019), Mortatti (2006), Mendonça (2011) e Moraes (2006) evidenciam que a questão já desperta o interesse da sociedade, inclusive da academia, e trazem importantes contribuições ao descrever a maneira como os brasileiros têm sido alfabetizados e introduzidos na cultura letrada.

Para contribuir com o debate, experiências em sala de aula mostram-se úteis por seu caráter contemporâneo e diversificado. A experiência do PIBID, em particular, constitui boa oportunidade para que educadores e pesquisadores em formação refinem seu olhar e produzam suas próprias interpretações da realidade, a partir do conhecimento teórico e das observações dos processos de ensino e aprendizagem nos contextos em que se encontram.

Assim, o presente trabalho pretende, com base nos debates teóricos sobre alfabetização e letramento e em observações em sala de aula, descrever experiências pibidianas em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Índio Piragibe (EMIP), em João Pessoa, apontando os avanços e as dificuldades dos alunos no ano letivo de 2025.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa, utilizou-se a observação de práticas voltadas à alfabetização e ao letramento em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Índio

Piragibe (EMIP), ao longo do ano letivo de 2025. A escola estudada localiza-se no bairro de Mangabeira VII, em João Pessoa (PB), e tem recebido bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com o intuito de contribuir para a formação docente e possibilitar contribuições dialógicas entre universidade e escola.

Em 2025, cada bolsista vivenciou o ambiente escolar com a frequência de duas vezes por semana; além disso, participou de reuniões semanais para orientações, debate e aprofundamento teórico com o coordenador do núcleo do projeto. As visitas foram direcionadas sempre a uma turma por bolsista, abrangendo alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em especial dos primeiros e segundos anos, como é o caso das observações realizadas por três bolsistas aqui apresentadas.

A partir das observações, buscou-se identificar de que forma a alfabetização e o letramento eram tratados, desenvolvidos e promovidos pelas professoras regentes e pela escola, por meio de ações, práticas e metodologias. Sendo assim, trata-se de pesquisa de cunho qualitativo, com abordagem exploratória.

A pesquisa exploratória caracteriza-se por possibilitar maior familiaridade com o problema investigado, tornando-o mais explícito ou contribuindo para a construção de hipóteses. Segundo Richardson (2008), esse tipo de pesquisa é indicado quando o pesquisador busca compreender fenômenos ainda pouco sistematizados, permitindo maior flexibilidade no percurso investigativo e valorizando a aproximação com o contexto estudado. Nesse sentido, a abordagem exploratória mostrou-se pertinente por favorecer a compreensão das práticas de alfabetização e letramento observadas no cotidiano escolar.

Para possibilitar a análise do tema da pesquisa, alguns fatores mostraram-se essenciais como objetos de observação. A observação participante constituiu-se como estratégia central da investigação, uma vez que as bolsistas estiveram inseridas no cotidiano escolar, acompanhando as práticas pedagógicas de forma contínua e sistemática. Conforme Richardson (2008), a observação participante permite ao pesquisador vivenciar a realidade investigada, interagindo com os sujeitos e compreendendo os significados atribuídos às ações no contexto social em que ocorrem. Assim, a inserção das pibidianas na rotina escolar possibilitou uma análise mais sensível e contextualizada das práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas na EMIP.

O primeiro objeto de observação diz respeito a qual ou quais métodos de alfabetização eram utilizados e, no caso de ser utilizado mais de um, qual era predominante. Também foram observadas as metodologias comumente aplicadas, bem como a presença de atividades lúdicas, como jogos de alfabetização e brincadeiras com intencionalidade de auxiliar a compreensão do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) pelas crianças. Além disso, considerou-se de que forma questões de cunho socioeconômico e político influenciam o processo de alfabetização na escola, como a presença de pessoas alfabetizadas que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem fora do ambiente escolar e a situação de vulnerabilidade social dos alunos.

Resultados e discussão

As observações realizadas nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Índio Piragibe, durante o ano letivo de 2025, evidenciaram avanços importantes no processo de alfabetização dos alunos, bem como desafios recorrentes, especialmente no que se refere à consolidação da leitura e da escrita de forma autônoma e significativa.

De modo geral, foi possível perceber que os alunos apresentavam níveis bastante diversos de apropriação do SEA, coexistindo, em uma mesma turma, crianças em diferentes fases desse processo. Essa heterogeneidade confirma o que apontam estudos clássicos da área ao indicarem que o processo de alfabetização não ocorre de maneira linear ou homogênea, sendo fortemente influenciado pelas experiências prévias das crianças com a linguagem escrita em seus contextos sociais (Mortatti, 2006; Morais, 2006).

Nas turmas dos 1º anos do Ensino Fundamental, período em que, para muitos, ocorrem os primeiros contatos com a leitura e a escrita formal, observou-se a utilização tanto do método sintético quanto do método analítico. Na primeira turma analisada, constatou-se a predominância de métodos analíticos, enquanto, na segunda, prevaleceram métodos sintéticos. Na primeira turma, em momentos pontuais, a professora regente dava ênfase ao som de cada letra isolada, principalmente com os alunos que apresentavam maior dificuldade. Entretanto, em muitas ocasiões, o ponto de partida era um pequeno texto para, então, desenvolver o trabalho com sentenças, palavras, sílabas e letras. Para isso, utilizavam-se gêneros textuais como poemas, receitas, listas, quadrinhas e charadas.

Já na segunda turma do 1º ano, percebeu-se o uso dos métodos fônico e silábico, havendo, inclusive, a exposição, em um espaço acima da lousa, de cartões com onomatopeias para sinalizar os sons de algumas letras. No entanto, recursos textuais como quadrinhas, poemas, músicas e receitas também foram amplamente empregados no processo de aprendizagem, em conjunto com o método sintético, retratando, possivelmente, a influência que o método das cartilhas — que combina os dois métodos em modelos de atividades (Mendonça, 2011; Alexandroff, 2019) — exerce até hoje na sala de aula.

Por sua vez, na turma do 2º ano observada, as práticas de alfabetização e letramento voltadas às crianças ainda não alfabetizadas foram desenvolvidas, em sua maior parte, a partir do método sintético, com ênfase no reconhecimento das letras, na formação de sílabas e na construção gradual de palavras. Essas atividades buscavam favorecer a apropriação do SEA por meio de exercícios sistemáticos e progressivos. Em momentos específicos, também se fez uso do método fônico, especialmente no trabalho com a relação entre grafemas e fonemas, na tentativa de contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica. Ao longo das aulas, também foram utilizados textos de gêneros variados, como histórias, parlendas e bilhetes, possibilitando o contato dos alunos com diferentes funções sociais da escrita e fortalecendo a articulação entre alfabetização e letramento.

Pôde-se constatar que, nas ocasiões em que diversos gêneros textuais eram utilizados, as crianças pareciam interessar-se mais pelas aulas, envolvendo-se com a ludicidade presente nesses textos. Esses movimentos evidenciam que a aprendizagem da escrita ganha mais sentido quando vinculada a práticas reais de leitura e escrita, aproximando-se do cotidiano dos alunos. Tal compreensão dialoga com Mendonça (2011), ao defender a superação de práticas fragmentadas, e com Morais (2006), que enfatiza a importância de integrar o domínio do sistema alfabético ao uso social da linguagem escrita, processo também conhecido como alfabetizar letrando.

Observou-se, ainda, que grande parte do alunado da EMIP, inclusive das turmas analisadas, é oriunda da classe trabalhadora e, em muitos casos, vive em situação de vulnerabilidade social, envolvendo questões como instabilidade financeira, criminalidade, jornadas de trabalho extensas dos responsáveis e fragilidades no acompanhamento da vida escolar dos educandos. A ausência de pessoas alfabetizadas que possam auxiliar nas tarefas em casa, assim como a falta de contato prévio com a cultura letrada, também se mostram elementos recorrentes entre

os alunos com maiores dificuldades na leitura e na escrita. O relato das docentes dessas turmas demonstra que é comum que as crianças não tenham sido apresentadas às letras antes de iniciar o 1º ano do Ensino Fundamental.

Diante desse cenário, os alunos que vivenciam tais questões apresentam maiores obstáculos para acompanhar as aulas, algumas vezes manifestando comportamentos desafiadores ou sendo infrequentes na escola. Nesse sentido, Alexandroff (2019) afirma que:

[...] vivenciamos um momento de busca de equilíbrio, pois o desafio que se coloca hoje para os professores é o de conciliar a alfabetização e o letramento, de modo a assegurar aos alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e a plena condição de uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita. (Alexandroff, 2019, p. 4).

A partir dessa argumentação, tais fatores exigem da escola e dos professores a busca por estratégias pedagógicas sensíveis às especificidades desse contexto, por meio da promoção de práticas de alfabetização e letramento que considerem a realidade social dos alunos, valorizem seus saberes prévios e contribuam para a construção de aprendizagens significativas e socialmente coerentes.

Conclusões

As observações indicam a existência de práticas que se utilizam de métodos sintéticos e analíticos, passando pelas contribuições do método das cartilhas e pelas propostas do alfalettrar, havendo predominância dos métodos analíticos em uma das turmas do 1º ano e dos sintéticos na segunda turma do 1º ano e na turma do 2º ano.

Percebemos também a presença de metodologias lúdicas em todas as turmas e de propostas que articulavam alfabetização e letramento, como atividades de leitura de textos variados, produção escrita em situações contextualizadas e conversas coletivas sobre o uso social da escrita. Essas práticas favoreceram maior envolvimento e entusiasmo por parte dos alunos, que demonstraram mais interesse pela leitura e se sentiram mais motivados a escrever, ainda que apresentassem variadas formas de escrita, muitas vezes não convencionais.

Também é possível constatar a influência de questões socioeconômicas dos educandos e da comunidade do entorno da escola no processo de alfabetização e letramento. Observa-se que grande parte dos alunos advém de famílias em situação de vulnerabilidade social, com acesso limitado a livros, materiais pedagógicos e ambientes letrados no contexto familiar. Essa realidade impacta diretamente o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, uma vez que muitos estudantes têm na escola o primeiro, o principal e, por vezes, o único espaço de contato com a linguagem escrita.

Pode-se, assim, observar que as práticas pedagógicas e as condições socioeconômicas dos alunos produzem impactos variados em seu desempenho escolar em relação à alfabetização e ao letramento. Grande parte das turmas não alcançou a fluência na leitura ao final do ano, seja pela infrequência, seja por transtornos de aprendizagem ou por dificuldades que não foram superadas por completo. Apesar disso, é notório o desenvolvimento da aprendizagem da maioria dos alunos, especialmente dos mais frequentes, evidenciando que o papel da escola vai muito além de eleger o melhor método para ensinar, consistindo também em perceber as necessidades de aprendizagem dos alunos e direcionar os esforços para atendê-las.

Palavras-Chave: Alfabetização; Letramento; Experiências pibidianas; Métodos de alfabetização.

Referências Bibliográficas

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Métodos de alfabetização no Brasil**. Cenpec, 21 ago. 2019.

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL (INAF). **Analfabetismo funcional no Brasil**: Resultados Preliminares INAF 2024. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro; Ação Educativa, 2025. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>. Acesso em 5 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua 2024**: Educação –Apresentação. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102180_informativo.pdf. Acesso em 5 fev. 2026.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. Percurso histórico dos métodos de alfabetização. In: Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. **Caderno de formação**: formação de professores didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 2, 2011, p. 23-35.

MORAIS, Artur Gomes de. Concepções e metodologias de alfabetização: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino–ENDIPE**, v. 13, 2006.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos Métodos de Alfabetização no Brasil. In: **Seminário alfabetização e letramento em debate-MEC/SEB**, 2006, Brasília (DF). Conferência... Brasília (DF): MEC/SEB, 2006. p.1-14.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 8. Reimpre. São Paulo: Atlas. 2008.